



## QUANTAS VERDADES CABERIAM NUMA VERDADE REAL?<sup>1</sup>

Ellen Zouain<sup>2</sup>

### Resumo

O presente estudo configura-se enquanto um trabalho de entendimento e desenvolvimento sintético das ideias apresentadas por Viviane Mosé a partir da teoria de Friedrich Nietzsche sobre “A palavra, a verdade, as forças”, buscando promover, por meio do entrelaçamento entre o texto citado e outras fontes, uma melhor compreensão da temática, visando aproximá-la da arte e sua possibilidade de rompimento com a verdade instaurada.

**Palavras-chave:** Nietzsche, Verdade e palavra, Arte em Nietzsche.

### HOW MANY TRUTHS WOULD FIT INTO A REAL TRUTH?

#### Abstract

This study is configured as a work of understanding and synthetic development of the ideas presented by Viviane Mosé from Friedrich Nietzsche's theory on "The word, the truth, the forces", seeking to promote, through the intertwining between the cited text and other sources, a better understanding of the theme, aiming to bring it closer to art and its possibility of breaking with the established truth.

**Keywords:** Nietzsche, Truth and word, Art in Nietzsche.

### ¿CUÁNTAS VERDADES ENCAJARÍAN EN UNA VERDAD REAL?

#### Resumen

Este estudio se configura como una obra de comprensión y desarrollo sintético de las ideas presentadas por Viviane Mosé de la teoría de Friedrich Nietzsche sobre "La palabra, la verdad, las fuerzas", buscando promover, a través del entrelazamiento entre el texto citado y otras fuentes, una mejor comprensión del tema, con el objetivo de acercarlo al arte y su posibilidad de romper con la verdad establecida.

**Palabras clave:** Nietzsche, Verdad y palabra, Arte en Nietzsche.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 18/03/2021. Avaliação em 17/05/2021. Aprovado em 30/05/2021. Publicado em 26/07/2021

<sup>2</sup> Mestranda em Ensino na Educação Básica pela universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: ellen.zouain@edu.ufes.br

## A verdade

*A realidade é esta folha  
Este banco esta arvore  
Esta Terra  
É este prédio de dois andares  
Estas roupas estendidas na muralha  
(Stela do Patrocínio, 2001, p.112)*

Para a construção deste breve estudo tomaremos como base o Fragmento de texto “A palavra, a verdade, as forças”, do livro *Nietzsche e a grande política da linguagem*, de autoria de Viviane Mosé, entrelaçando o mesmo a outros textos que possam agregar conhecimento, visando uma melhor compreensão e entendimento da temática ao passo que a discutiremos em conjunto com o advento e papel da Arte sobre tal perspectiva.

Iniciamos nossa atividade pensante retomando o exposto por Mosé (2018). A autora aponta que “a ideia de verdade é centro da rede de valores que Nietzsche busca desautorizar em sua genealogia: não são verdades que devem ser colocadas em questão, mas o próprio valor de verdade” (p. 65), uma vez que tal questão se encontra, nesta sociedade, permeada por dogmas e tradições que culminam por norteá-la, aniquilando a potencialidade criadora deste espaço, atribuindo, neste aspecto, a imutabilidade daquilo que se acredita e se toma como *verdade*.

Mantendo uma perspectiva crítica em relação àqueles a quem chama de metafísicos, Nietzsche diz que o principal erro destes que procuram a verdade é pressupor que as coisas que mais valorizam não poderiam derivar desde mundo sensível, considerado enganador e fugaz. (CAMARGO, 2020, p. 94).

Dentro deste quadro, Nietzsche coloca como essencial ao triunfo da *verdade* a linguagem, afinal, é através da linguagem que subjugamos até o ponto de entrarmos no acordo do que tornar-se-á a verdade ou não, assim, como alvo da linguagem, está a palavra, a tradução final de nosso acordo social, aquela que imediatamente torna-se o conceito, deste modo identifica, limita e categoriza.

Ao denunciar a palavra como conceito, Nietzsche explicita a função valorativa de todo nome, de todo conceito. Conceituar é simplificar, reduzir, então conceituar, assim como representar, é escolher, ressaltar, rejeitar, nomear e atribuir valor. E o valor implicado em todo e qualquer nome, em todo e qualquer conceito é a identidade. Nomear é impor identidade ao múltiplo, ao móvel, é forjar uma unidade que a pluralidade das coisas não apresenta. (MOSE, 2018, p. 66).

A palavra, culmina por reunir num único fragmento (signo), as mais variadas formas e coisas, negando sua mutualidade e abolindo a diferença em detrimento da unidade do acordo.

## A palavra

*Me transformei com esse falatório todinho  
Num homem feio  
Mas tão feio  
Que não me aguento mais de tanta feiura  
Porque quem vence o belo é o belo  
Quem vence a saúde é outra saúde  
Quem vence o normal é outro normal  
Quem vence um cientista é outro cientista  
(Stela do Patrocínio, 2001, p.143).*

A palavra, neste universo temático, estaria no centro de um importante jogo, afinal, ao passo que sua existência possibilita a comunicação, seu estado mostra-se cada vez mais fechado na experiência já existente e que não deve ser modificada, neste sentido, a própria palavra busca ligar-se a outras palavras que se circunscrevem enquanto conceitos também fechados em sua escala, estando cada vez mais distantes do estado múltiplo, móvel e mutável das coisas de sua origem e criação, e mais próximas do conceito acordado pela tradição.

Quando a palavra chega a inverter tal processo, aproximando-se de seu sentido mutável, o ser humano, impregnado pelo conceito já abstraído e introjetado no indivíduo, percebendo-a, não a tornaria possível, a menos que esta se desenvolvesse enquanto magia, ou pela arte. Compreende-se aqui, que, dotada da verdade acordada socialmente, a palavra torna-se mero conceito, não possibilitando ser sentida ou utilizada pelas sensações, pelo corpo.

A linguagem, desde seu nascimento, existe como uma interpretação, uma valoração moral que quer o afastamento do corpo, o esquecimento das sensações, do devir, mas que esconde as condições deste nascimento quando sustenta a crença na correspondência entre as palavras e as coisas. A linguagem gregária é um artigo de fé (MOSE, 2018, p. 67).

Mosé (2018) explica que apenas pela capacidade humana do esquecimento é que aceitamos o conceito simplista atribuído à palavra na linguagem, pois, o conceito é forjado abandonando a singularidade característica daquilo que impulsionou sua criação, a palavra, quando tomada pela verdade, possui a função de contrapor-se à subjetividade peculiar daquilo que lhe deu vida.

É neste sentido que a função da palavra é esquecer, esconder, a pluralidade que lhe deu origem. Ao contrário de dizer, sua função é mascarar, ocultar, esconder. O que a identidade imposta por cada palavra mascara é a impossibilidade de fixação e sentido, de ser, de verdade. Utilizar os códigos da linguagem é, de alguma forma, negar o mundo, como tempo, como devir (MOSE, 2018, p. 68).

Assim, vemos que a palavra aplicada à linguagem age como identificação daquilo que por essência não poderia ser considerado idêntico, facilitando a comunicação, ao passo que traduz a ideia reducionista das coisas. “A palavra, como resultado de uma sequência de

interpretações, de avaliações, de metáforas, nasce de uma sequência de transposições, esquecidas enquanto tais, e condensadas como um conceito” (MOSÉ, 2018, p. 69). Tal processo configura-se pela necessidade de uma identidade que possibilite a comunicação superficial humana, acordada socialmente como verídica.

## As forças

*Aqui no hospital ninguém pensa  
Não tem nenhum que pense  
Eles vivem sem pensar  
Comem bebem fumam  
No dia seguinte querem saber  
De recontinuar o dia que passou  
Mas não tem ninguém que pense  
e trabalhe pela inteligência.  
(Stela do Patrocínio, 2001, p.61)*

Nietzsche, em seu desenvolvimento da ideia de Linguagem, Palavra e Verdade, coloca em confronto um importante aspecto para a existência de tal processo, a força, que para ele, traduzida num jogo onde “as forças”, num movimento mútuo, de resistências entre afirmação e negação, convergem-se para criar a vida, a vontade de potência do ser em seu estado mais orgânico.

O que a perspectiva nietzscheana, sustentada na afirmação da vida como vontade de potência, traz para a avaliação da linguagem é a compreensão de que o processo de simplificação, de sujeição, de imposição que a palavra instaura, não é próprio apenas da linguagem, nem é uma simples arbitrariedade imposta pela vida em grupo; é, ao contrário, uma característica do processo de assimilação do orgânico (MOSÉ, 2018, p. 81-82).

Assim, vimo que apenas pelo desenvolvimento da simplificação, pela assimilação do intrincado ao mais singelo, que o orgânico pode de fato tornar-se possível. Podemos observar no advento da linguagem como o universo do orgânico traduz-se na imposição provisória de algo que parte da uma interpretação, sendo assim, podemos caracterizar toda interpretação como produto de *um jogo de forças*, desta batalha pelo domínio, denominada por Nietzsche como vontade de potência.

Ao relacionar o processo de produção da linguagem à formação do orgânico, Nietzsche afirma, como vimos, desde os textos de 1873, e cada vez mais explicitamente, uma atividade interpretativa continua, como marca de tudo que vive. Esta atividade interpretativa infinita é o que Nietzsche vai chamar de vontade de potência. (MOSÉ, 2018, p. 82).

Logo, a vontade de potência precisa ser instigada, retomada para que a interpretação retorne ao simples, retome suas bases na criação, na potencialidade criadora do indivíduo. Abandonando a verdade do acordo em detrimento da mutabilidade da essência das coisas.

O processo da vida é extremamente complexo. Uma infinidade de forças está sempre atuando, se chocando, se confrontando, dominando e se submetendo, para que um mínimo acontecimento, um mínimo corpo se manifeste; mais do que isso, trata-se de um processo interpretativo cujo jogo de resistências e imposições é determinado pela vontade de expansão, a vontade de potência. (MOSÉ, 2018, p. 87).

## A arte

*Eu não sou da casa, não sou da família  
Não sou do ar  
Do espaço vazio, do tempo, dos gases  
Não sou do tempo, não sou do tempo  
Não sou dos gases, não sou do ar  
Não sou do espaço vazio, não sou do tempo  
Não sou dos gases, não sou da casa  
Não sou da família, não sou dos bichos  
Não sou dos animais, sou de Deus  
Um anjo bom que Deus fez  
Pra sua glória e seu serviço  
(Stela do Patrocínio, 2001, p.91)*

O abandono da verdade e a busca pela organicidade das palavras se faz enquanto tarefa essencial à retomada da potencialidade criadora do ser humano. Mas como abandoná-la? Como sobrepôr a cada conceito pré-estabelecido e aceito socialmente sem ao menos ser confrontado? A resposta pode estar mais próxima e acessível que muitas das verdades que nos cabem. A arte, entendendo que:

A arte é condição de existência do intelecto. Esta arte, no entanto, a que Nietzsche se refere insistentemente naquela época, não é arte dos artistas, a arte como instituição e como obra, mas uma atividade propriamente criadora, uma força artística presente não somente no ser humano, mas em todas as coisas (MOSÉ, 2018, p. 73).

Neste sentido, permitir que a arte aponte a direção é retirar da palavra o peso da verdade, é correspondê-la através da essência daquilo que se vê em sua capacidade de modificação no processo de existência. O retorno à organicidade e o deixar fluir da vontade de potência que torna a vida possível.

A arte, como produto do ser humano, é um prolongamento desta força artística inconsciente. A arte do homem nasce, antes de tudo, “da imprecisão da vista”. Ver é assimilar a superfície das coisas no espelho do olho, o que não deixa de ser uma transposição (MOSÉ, 2018, p. 74).

A arte humana corresponde, portanto, a um segundo momento desta atividade inconsciente: “Existe uma dupla força artística, a que produz as imagens e a que as acolhe” (MOSÉ, 2018, p. 74).

A arte é, para Nietzsche, uma positividade: um prazer legítimo do ser humano, dado não pela ilusão de verdade, mas pela afirmação da verdade da ilusão. Não é o sentido, a verdade, mas a ausência de sentido e verdade a positividade de tudo o que vive (MOSÉ, 2018, p. 75).

## Considerações finais

*Já falei de mundo de casa  
de prédio de família  
de que mais que eu vou falar?  
Então eu já vou...  
(Stela do Patrocínio, 2001, p.144).*

Observa-se que a atividade criadora do indivíduo se perde no processo de adequação social à verdade, pois, diante disto, “o ser humano precisou rejeitar sua capacidade estética para poder acreditar na “verdade” de suas invenções; precisou acreditar que conhecia, que sabia, e para isto precisou esquecer que criava” (MOSE, 2018, p. 77), assim, o esquecimento caracteriza um importante ponto neste estudo, uma vez que, tal processo culmina no abandono da essência daquilo que é, de onde partimos, pela criação, findando no acorda da generalidade do que vem a ser pela palavra.

Se faz necessário conceber uma nova linguagem que não seja a instaurada pela verdade, que não esteja comprometida pela tida “linguagem do rebanho”, buscando a palavra rara, esvaziada de sentido e apegada a sua potencialidade criadora, capaz de confrontar-se consigo mesma, num jogo de forças que possibilite sua assimilação.

É preciso abandonar o acordo da verdade, pois este acordo que possibilita a concretização da verdade enquanto legítima, única e imutável, o que termina por mascarar o universo da linguagem, não comunicando a “verdade” das coisas, mas sim, o seu advento social de verdade absoluta. Logo, é preciso também romper com o esquecimento, indo de encontro à essência da linguagem, onde a invenção e a arte são sua matriz.

Os artistas não comunicam necessidades, por isso não falam a língua do rebanho, não pretendem a verdade, mas são inventores e dissipadores. Sua linguagem é a do desperdício que se deixa atravessar pela vida. É preciso arruinar a idéia de verdade verdadeira. (TÓTORA, 2008, p. 140).

Para este estudo, foi realizado a escolha de fragmentos de poemas de Stela do Patrocínio, pensado de forma a introduzir cada tópico através da palavra tomada pela arte, esvaziada de sua forma preconizada e atribuída em busca da verdade absoluta, de maneira crua e dotada de sensações, percepções e processos que não são filtrados pelos meios da castração subjetiva vivenciada pela sociedade.

## Referências

BURNETT, Henry. **Da alma dos artistas e escritores: Coisa humana, demasiadamente humana?** Cad. Nietzsche, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 97-120, Ago. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-82422017000200097&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-82422017000200097&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 Dez 2020. <https://doi.org/10.1590/2316-82422017v3802hb>.

CAMARGO, Gustavo Arantes. **Sobre o conceito de verdade em Nietzsche.** Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche – 2º semestre de 2008 – Vol.1 – nº2 – pp.93-112. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/download/24137/13380> .pdf Acesso em: 08 dez 2020.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem.** Petrópolis: RJ, Vozes, 2018.

PATROCÍNIO, Stela do. **Reino dos bichos e animais é o meu nome.** Rio de Janeiro. Azougue Editorial. 2001.

TÓTORA, Silvana. **Vontade de potência: a grande política Arte e política em Nietzsche – apontamentos de um estudo inicial.** NEAMP Revista PUC. Aurora, n.2, 2008, p.134-155. SP. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/viewFile/6364/4666>.pdf Acesso em: 08 dez 2020.